

A FOTOGRAFIA COMO RECURSO DIDÁTICO: UMA REFLEXÃO ACERCA DE GÊNESIS, DE SEBASTIÃO SALGADO

Lara D' Assunção dos Santos
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGEO/UERJ)
larad.assuncao@gmail.com

Introdução

A imagem, como sabemos, muito contribuiu para a difusão do conhecimento geográfico em diversos momentos de sua história, vide a utilização massiva de mapas, desenhos, fotografias, fluxogramas, filmes, como recurso para o desenvolvimento de pensamentos e produção de ideias.

Vista como “disciplina visual”, a geografia possui uma rica tradição imagética, pois sempre contou com certos tipos de visualidades e recursos visuais para construir seus saberes (ROSE, 2003) e, para sermos mais específicos, o próprio conceito de paisagem emerge na pintura engendrada nos Países Baixos no século XV (CLAVAL, 2012 [2004]). Havia uma dimensão artística presente também na confecção dos mapas modernos, representações que se pretendiam as mais rigorosas possíveis, porém, eram incapazes de dissimular os elementos simbólicos e culturais dos cartógrafos europeus. Pode-se dizer então que pensar através de imagens é uma tarefa inerente ao geógrafo, pois, geografia (geo-grafia) sempre implicou na construção e interpretação de imagens (COSGROVE, 2008). Em termos gerais, a imagem que temos do mundo foi forjada com o auxílio da geografia, afinal, conceitos como *território*, *fronteira*, *região*, *império* e *nação* não são naturais, mas, sim, poderosos fundamentos espaciais com os quais nos acostumamos a visualizar o mundo.

Estudiosos como Alexander Von Humboldt, Karl Ritter e Fiedrich Ratzel, que contribuíram para a institucionalização da geografia enquanto disciplina universitária, realizavam expedições com o intuito de fazer levantamentos buscando evidências visuais que dessem uma forma mais concreta às especulações extravagantes próprias do período anterior às expansões marítimas. Desta forma, a geografia não representaria um conhecimento relativo a nomes de lugares, nem sequer um saber essencialmente factual, ela seria um modo, um hábito de pensamentos especiais, um gênero especial de imaginação que Mackinder descreve como “pensar geograficamente”. (MACKINDER, 1911 *apud* RIBEIRO & AZEVEDO, 2014) Todavia, para pensarmos geograficamente temos de aguçar nossa percepção visual. Segundo Cosgrove, a percepção visual é mais do que a habilidade de ver, mais do que sentido físico da visão. Ela incorpora a imaginação: a habilidade de criar imagens nos olhos da mente, a qual excede em várias formas àquelas registradas na retina do olho através da luz externa do mundo. A percepção visual possui capacidade criativa que pode transcender espaço e tempo: isto pode significar prever, assim como, ver. Temos capacidade de formar imagens mentais, especialmente de coisas não diretamente testemunhadas ou experimentadas (COSGROVE, 2008).

Há, então, uma relação intrínseca entre geografia e visão, como também, entre imagem e imaginação.

Pensando para além da geopolítica de Mackinder, — ainda que este termo só tenha sido cunhado em 1899 por Kjéllen — embora a geografia não tenha seguido a tendência de outras disciplinas de estabelecer subcampos para o debate da imagem, como por exemplo, na antropologia com a “antropologia visual”, (NOVAES, 2010) no chamado “cultural turn” a atenção de alguns geógrafos voltou-se crescentemente para os problemas de linguagem e representação e como estes são trabalhados através da paisagem. Teorias e métodos desenvolvidos em linguística, literatura crítica, semiótica — campos que enfatizam a construção de significados através de símbolos, sistemas simbólicos e linguagens — foram utilizados por geógrafos culturais para ler a paisagem como um tipo de texto (OAKES & PRICE, 2008).

Sabendo-se que a geografia ainda hoje persiste no imaginário popular associada às imagens (COSGROVE, 2008) e que estas muito contribuíram para a difusão do conhecimento geográfico em diversos momentos de sua história, optamos por trazer para a sala de aula as potencialidades dos elementos visuais com o objetivo de fazer os alunos olharem para as imagens como importantes objetos de reflexão e, desta forma, perceberem que viver em um mundo superpovoado de imagens não nos torna naturalmente alfabetizados visualmente. É preciso mais do isso: faz-se necessário um olhar reflexivo (HOLLMAN & LOIS, 2015). O artefato utilizado para estimular tal dinâmica é a experiência fotográfica de um dos grandes nomes da fotografia moderna, Sebastião Salgado.

A atividade com as fotografias desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)¹ com alunos do Colégio Estadual Alice de Souza Bruno, no município de Seropédica, Rio de Janeiro, (Anexo II) baseou-se na obra mais recente do fotógrafo brasileiro: *Gênesis*. A escolha por essa obra partiu de dois princípios: 1) a ausência de legendas na página da fotografia (as descrições encontram-se à parte num encarte) 2) instigar os alunos a perceberem as diferenças entre as fotografias de *Gênesis* e àquelas promovidas para fins turísticos, publicitários e jornalísticos divulgadas cotidianamente pela grande imprensa.

Tais imagens presentes em nosso cotidiano representam um contraponto aos registros de Sebastião Salgado. Suas imagens não são irrefletidas e sua vivência “desterritorializada” reflete-se na configuração de seu olhar, na escolha do ângulo, do enquadramento. Em suma, o foco na fotografia deu-se devido à necessidade de uma problematização do uso da fotografia e das imagens na Geografia, pois é necessário explicitar como esse uso é construído, uma vez que a fotografia é um artefato social cujas condições de elaboração devem ser tratadas como parte constituinte do que é retratado (DAOU & FELIPE, 2011). Além disso, a fotografia possui uma

¹ Atividade conduzida e supervisionada pelos professores-coordenadores do sub-projeto PIBID/CAPES Geografia, André Santos da Rocha (DEGEO/UFRRJ), Leandro Dias de Oliveira (DEGEO/UFRRJ) e Regina Cohen Barros (DEGEO/UFRRJ), *campus* Seropédica da UFRRJ.

grande potencialidade de fazer deslocar o pensamento do já pensado, do dado pronto, para o novo.

Sendo assim, propomos iniciar nossa Oficina PIBID interpretando algumas fotografias previamente selecionadas desta obra de Sebastião Salgado com o objetivo de inverter a ordem em que aulas normalmente são dadas, pois, de forma geral, o professor aplica o conteúdo do dia com base no livro didático que, por sua vez, conta com inúmeras imagens para ilustrar os capítulos. Gráficos, tabelas, mapas e fotografias acabam por tornarem-se um recurso meramente ilustrativo servindo apenas para justificar o texto e, conseqüentemente, inibindo qualquer indagação sobre a “verdade” ali mostrada. Mais do que meras ilustrações, as imagens informam, representam, mas também instauram o pensar e o próprio ato de pesquisar. Por elas e com elas podemos delinear ações teóricas e políticas capazes de nos instigar para além do já dado e do clichê (FERRAZ et al., 2013).

É importante salientar que a oficina foi elaborada com alunos do segundo ano do ensino médio, portanto, suas capacidades cognitivas encontram-se inteiramente desenvolvidas. Consideremos aqui a mais tradicional concepção a respeito da cognição humana, aquela que identifica o conhecimento com a representação mental do mundo. Pode-se dizer que este cognitivismo consiste na hipótese de que a cognição é a manipulação de símbolos. Em outras palavras, é representação mental: acredita-se que a mente opera manipulando símbolos que representam características do mundo, ou representam o mundo como tendo determinada forma (VARELA et al., 2002, *apud* MONTEIRO; GONÇALVES; FRANCO, 2013).

A atividade contou com um questionário de três perguntas, fotografias em baixa resolução coladas em placas de isopor para que os alunos pudessem manusear e data show. Questões interessantes foram levantadas e uma boa variedade polissêmica referentes às fotografias foram apresentadas pelos discentes, reforçando a dimensão educativa e subjetivadora das imagens, como também sua função política que permite ampliar nossa visão de mundo.

A geografia na fotografia: ampliando horizontes

O papel da geografia no ambiente escolar no início do século XIX e princípios do XX era contribuir para a construção da nacionalidade, associada ao processo de formação dos Estados Nacionais. A centralização do poder com a unificação territorial implicava na necessidade de estabelecer laços de identidade, sentimentos de pertencimento ao novo território, o território nacional (FILIZOLA, 2009). A história do pensamento geográfico ensina que a disciplina surge como dever cívico, uma missão nacional. Ler mapas, conhecer as fronteiras e identificar as paisagens do país eram parte incontornável da educação dos jovens cidadãos (OLIVEIRA & RIBEIRO, 2012).

Parte da tradição geográfica concebe as imagens como instrumentos tanto de percepção como de compreensão de mundo (GOMES & RIBEIRO, 2013). A utilização do recurso fotográfico no ensino de geografia complementa tal compreensão constituindo uma linguagem interessante que nos permite a construção coletiva. Sendo assim, o professor deve, em

primeiro lugar, deixar claro que não existe neutralidade nesta prática, afinal, ela é um tipo de escrita que permite nova forma de acesso aos acontecimentos e sua inscrição na memória social (MAUAD, 2008).

Conforme exposto anteriormente, as imagens são recursos muito utilizados pelos professores em sala de aula ainda que as aulas sejam, em sua maioria, compostas de quadro e giz, exposição com diálogo e uso do livro didático, não devemos hesitar em recorrer a materiais complementares. Tendo em vista a profusão voraz de imagens que saltam a todo instante aos nossos olhos e nos fazem consumir um modelo de vida por vezes incompatíveis com a nossa realidade — uma atividade maquinal e, portanto, irrefletida — faz-se pertinente questionarmos: como podemos utilizar a fotografia no ensino de geografia sem deixar que as imagens sirvam apenas como justificativa ou ilustração para determinado discurso, ou seja, sem cair nos “argumentos circulares” (NOVAES, 2013)?

Como forma de estimular tal comportamento, alguns professores aproveitam a tecnologia dos celulares para realizar trabalhos pedagógicos interessantes como por exemplo, permitir aos alunos que desempenhem o papel de fotógrafos.

Tal atividade pode ser utilizada como primeiro passo para mudar a visão dos discentes em relação às imagens. Os lugares por eles percorridos serão revelados à turma de acordo com suas perspectivas, seus pontos de vista. O que um olhar captura, pode não ser relevante para os demais. Ao observar as fotografias dos demais alunos, torna-se claro que a construção fotográfica não acaba no momento da revelação. Cada um captura imagens de acordo com suas vivências, com suas especificidades. Deste modo, o imaginário social é a parte mais importante para a leitura fotográfica, tornando crucial instigar os alunos para que vejam além das características observáveis. Questionar a realidade significa aprimorar sua capacidade de leitura crítica de mundo.

Uma das fotografias mais famosas de Sebastião Salgado — bastante utilizada nas aulas de geografia para explicar o conflito pela terra e a condição dos trabalhadores — revela um conflito em Serra Pelada entre trabalhadores e a polícia militar (anexo III); decerto esta imagem não pode ficar apenas na arte. Tal representação da paisagem nos incita a discutir temas relativos à geografia como as relações de trabalho, a atividade econômica exercida e seus propósitos, dentre outros quesitos que acontecem e que estão para além do registro. O próprio ato de documentar algo já é uma atitude política, pois retira aquela imagem do fluxo banal, dando-lhe algum tipo de destaque do pensamento, de importância singular para pensar o mundo, a vida, o espaço (FERRAZ, et al., 2009). Desta forma, ter uma visão crítica é “desconfiar” do que se está observando. É perceber que há custos humanos profundamente embebidos na paisagem que são invisíveis aos olhos (DUNCAN & DUNCAN, 2003 *apud* SOUZA, 2013).

Assim, a geografia escolar pode (e deve) articular saberes estéticos sensíveis e cotidianos aos saberes formais com o objetivo de prezar para que seus estudantes compreendam que os fenômenos retratados nas imagens são construções, produtos, consequências históricas e processos que em sua maioria foram forjados à luz de tensões.

Como forma de direcionar os pensamentos dos discentes — pois sem qualquer mediação as imagens tornar-se-iam um pouco abstratas e difíceis de serem apreendidas por eles — ponderamos brevemente sobre a relação homem-meio. Posteriormente, reproduzimos no projetor as fotografias que estavam nas mãos dos alunos, ouvimos seus apontamentos e mostramos que tudo o que vemos nem sempre é o que pensamos. Será que uma imagem vale mais do que mil palavras? As fotografias são provas factuais-verídicas da existência de algo? Elas são neutras e capazes de nos dar a realidade em si mesma?

A fotografia na geografia: observar, questionar, conhecer

Sabendo-se que as imagens são manifestações complexas de todo um arranjo cultural em que os processos de percepção e significação estão continuamente interferindo um no outro (MARTINS, 2011 *apud* PIDNER; SILVA, 2014), utilizamos como recurso didático em nossa oficina PIBID os registros imagéticos de *Gênesis* de forma a complementar o entendimento do outro e da sua cultura.

O intuito da oficina em trabalhar com imagens deve-se ao nosso hábito cultural de olhá-las como verdades, *a priori*. Vemo-nos cercados por uma quantidade massiva de imagens, seja na televisão, na internet, nos outdoors, nos materiais didáticos, entre outros, mas raramente as questionamos. Até que ponto elas podem ser consideradas como verdades prontas?

Além desta inquietação, a oficina *Geografia e imagem: trabalhando a relação homem-meio através dos registros de Sebastião Salgado* foi elaborada pensando nas seguintes questões: como podemos utilizar a fotografia no ensino de geografia sem cair no uso do simplesmente ilustrativo? É possível partir da análise das imagens para posteriormente trabalharmos o conteúdo?

Trabalhar com fotografias como objeto central de uma aula significa fazer com que os alunos tenham uma experiência distinta das aulas em que as imagens são utilizadas apenas para corroborar com o conteúdo.

Materiais e Métodos

- Elaboramos uma dinâmica simples com isopor, fotografias de *Gênesis*, frases curtas, alguns alfinetes e um questionário de três perguntas para estimular a curiosidade sobre as fotografias escolhidas.
- Data show para a visualização das imagens em uma resolução próxima a que se encontra impressa no livro *Gênesis*.
- Imagens impressas em uma resolução inferior e coladas em pedaços de isopor para que os alunos pudessem manusear e observar os detalhes.
- Folhas A4 com questionário composto de 3 perguntas que os instigasse a observar as fotografias com atenção para, em seguida, problematizá-las. Foram selecionadas seis imagens que colamos nas placas

de isopor. Sobre cada uma delas os alunos responderam as seguintes perguntas:

- 1) O que você vê na imagem e o que mais lhe chamou atenção?
- 2) Onde e quando você acha que essa fotografia foi feita?
- 3) A paisagem ou etnia que aí se apresenta foi afetada pelo modelo capitalista?

Optamos por não discorrer massivamente sobre um conteúdo específico por dois motivos principais: tentar não influenciar as respostas e análises dos discentes acerca das fotografias e mostrá-los, ao final da oficina, que geralmente as imagens aparecem nos livros didáticos para justificar um dado conteúdo. Tal ideia é expressa por Novaes como “argumentos circulares”, ou seja, imagens que servem apenas como justificativa ou ilustração para determinado discurso (ROSE, 2003; NOVAES, 2013).

Deixamos claro aos alunos que o objetivo do questionário não era acertar as questões, e sim fazê-los pensar acerca das imagens que Tateavam. Enumeramos as fotografias de 1 a 6 e para cada uma delas os alunos deveriam responder as questões supracitadas. Como maneira de inverter a ordem em que as aulas normalmente são dadas, apresentamos primeiramente as seis imagens do livro *Gênesis*, de Sebastião Salgado, coladas em placas de isopor para que eles pudessem observar. Após uns minutos de observação, entregamos o questionário com o objetivo de estimular a leitura daquelas paisagens como um “texto”. Esta forma de iniciar a aula tirou-os do comodismo, pois para responder as questões elaboradas eles tiveram de ir ao encontro das imagens em vez de se manter na condição de espectador passivo delas (FERRAZ, et al., 2013).

Vale ressaltar que estrategicamente optamos por fotografias que não tivessem sido feitas em território brasileiro, como forma de ampliar a percepção de mundo dos discentes. Além disso, preparamos mapas didáticos a partir da ferramenta *Google Maps* ressaltando em vermelho a localização das fotografias que eles manusearam para que, ao final, pudessem visualizar as respostas para a pergunta número 2 (“Onde e quando você acha que essa fotografia foi feita?”)

Em seguida, através de um projetor multimídia (data show) reproduzimos as imagens coladas nas placas de isopor e outras fotografias que compõem a obra *Gênesis*. Reservamos alguns instantes para que eles pudessem analisá-las e percebessem que o tamanho dos objetos vistos não é o mesmo, o movimento desaparece, as cores foram substituídas pelo preto e branco, os quatro outros sentidos não mais acompanham a visão da mesma maneira: o cheiro, o som, o gosto, a tato de uma foto não são os dos fenômenos (SOULAGES, 2010). As fotografias são, portanto, representações.

Com o intuito de mostrá-los a história por trás daquelas imagens, realizamos a leitura das descrições das fotografias presentes no encarte do livro para que finalmente eles fossem direcionados aos elementos presentes nas imagens que dialogavam com o tema da aula. A partir deles abordamos questões em torno do desenvolvimento sustentável, da relação homem-meio e como esta vem sendo modificada ao longo dos últimos quarenta anos.

Uma vez relacionados, — fotografia e geografia — pudemos avançar para as respostas das perguntas 2 e 3 que chamaram mais atenção.

As respostas mais marcantes lidas após a oficina encontram-se na segunda pergunta: “Onde e quando você acha que essa fotografia foi feita?”. Aqui, a maioria dos alunos não arriscou citar continentes, países ou cidades, apenas respondiam ‘numa mata’, ‘numa tribo’, ‘numa floresta’, ‘numa aldeia’. Contudo, os sete alunos — de 20 presentes, portanto, 35% — que resolveram palpar nomes de locais, citaram África e Amazônia. Creio que este dado é bastante relevante, já que nenhum outro nome foi citado. Inicialmente, o que se pode concluir a partir deste indicativo é que nossa imaginação muito está atrelada ao colonialismo e ao imperialismo. Se há etnias e paisagens supostamente intactas, estas, ao nosso olhar influenciado pelos modos de vida europeu e norte-americano, estarão fadadas a habitarem a região Norte do Brasil ou qualquer país africano. Os ponderamentos de John Wylie sobre nós, observadores ocidentais, ilustram tal comportamento. Segundo o autor, nós tendemos a olhar tais etnias como simultaneamente exóticas, irracionais e carentes de ordenamento (WYLIE, 2007 *apud* SOUZA, 2013). De fato, nossa experiência espacial já é imagética antes de corporal (FERRAZ & NUNES, 2013).

Quanto à segunda parte da pergunta ‘quando você acha que essa fotografia foi feita?’, a maioria respondeu “há muito tempo atrás”. Tal questão foi elaborada com o objetivo de exaltar o fato de todas as fotografias serem em preto e branco — assinatura de Sebastião Salgado — e observar a percepção dos alunos. Naturalmente, se possuímos em mãos fotografias em preto e branco de etnias e lugares aparentemente intocados, logo temos a impressão de terem sido feitas há muitos anos atrás. É importante frisar que todas as fotografias presentes em *Gênesis* foram feitas a partir dos anos 2000.

Em ambas as partes da pergunta, percebemos uma relação de proximidade e distância. Ao mesmo tempo em que os discentes escreveram que determinado registro havia sido feito na Amazônia ou na África, — localidades que fazem parte de nossa história — responderam datas bem distantes de seus respectivos anos de nascimento, por exemplo. Ou seja, embora aquele local lhes parecesse familiar, as paisagens e os habitantes aparentemente intocados provavelmente não fazem mais parte de nosso século. Essa percepção é compreensível se pensarmos nas imagens que temos mais contato: a dos jornais e a dos livros didáticos.

A terceira pergunta (‘A paisagem ou etnia que aí se apresenta foi afetada pelo modelo capitalista?’) corresponde a um terreno um tanto quanto espinhoso, uma vez que dentre as fotografias selecionadas, tínhamos tribos que não estavam em seu habitat natural, bem como tribos de contato recente. Além das etnias, as imagens de natureza, por vezes, apresentam um recorte no qual não temos como saber se aquele lugar foi ou não afetado pelo modelo capitalista. Sendo assim, esta questão conveio para pensarmos que pessoas separadas por imensas distâncias físicas e, talvez, por etnicidade, religião e oportunidades de vida, de forma geral, estão ligadas

por intermédio dos circuitos de capital e comunicação global, ocupando o que Jameson chama de hiperespaço².

Acreditamos que o objetivo da oficina foi cumprido, pois os alunos dedicaram bastante tempo às imagens para tentar responder ao questionário. Esta foi a forma que encontramos de fazê-los refletir o assalto voraz das representações visuais que tem a pretensão de dominar e regularizar o nosso modo de vida. A “sociedade do espetáculo” deve ser questionada por aqueles que estão mobilizados pelo desejo e pela necessidade de um mundo melhor (BARBOSA, 2009 [1999]).

Reflexões finais

Buscamos através da oficina *Geografia e imagem: trabalhando a relação homem-meio através dos registros de Sebastião Salgado* reconhecer a fotografia não apenas como um registro do passado, mas como um instrumento imagético que democratiza as experiências, os saberes, as culturas, o espaço e os sujeitos ao traduzí-los em imagens (MARTINS, 2011 *apud* PIDNER, 2014). Elas possuem o poder de interferir no presente, gerando novas significações para o processo de construção do imaginário social. Sua natureza polissêmica é poderosa ferramenta capaz de dar voz às impressões do alunos, cada qual com suas experiências e especificidades, fazendo-os perceber que a realidade é amplamente questionável.

Gênesis representa uma importante reação às imagens apressadas e irrefletidas a qual somos expostos. O olhar engajado de Sebastião Salgado e seu lugar de enunciação — brasileiro, radicado em Paris desde os anos 70, quando fugiu da ditadura militar — auxiliou-nos a pensar sobre as representações hegemônicas que desenvolvemos acerca da imagem do mundo — fator que vem sendo fomentado dentro da ciência geográfica antes mesmo de sua institucionalização, quando do surgimento da fotografia no final do século XIX — para posteriormente tentar rompê-las.

O projeto PIBID trabalha primeiramente com reflexões teóricas para posteriormente inserir os graduandos nas salas de aula através das oficinas. Ponto culminante onde colocamos em prática grande parte do que foi discutido anteriormente nas reuniões, as oficinas PIBID acreditam na superação dos traços de enciclopedismo presentes em aulas e avaliações. A memorização de conteúdos deve deixar de ser uma prática recorrente, visto que enfraquece o raciocínio e despolitiza o ensino.

Destaco aqui novamente que objetivo principal não era acertar as questões presentes no questionário supracitado, e sim desenvolver nos alunos a capacidade de entender a lógica da territorialidade dos fenômenos com o intuito de ampliar sua realidade.

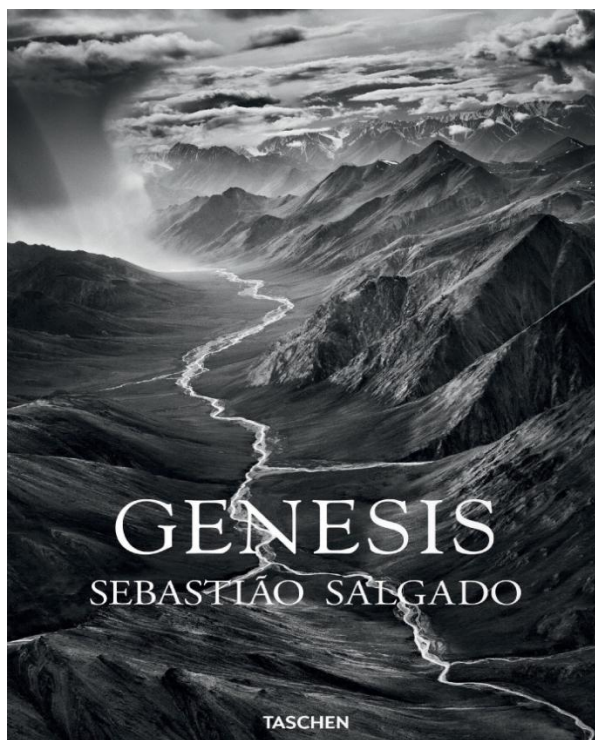
Ao final da oficina pudemos concluir que embora geografia e fotografia possam atuar como ferramentas capazes de nos mostrar o mundo de outra forma, rompendo estereótipos e naturalizações ao diversificar as vozes e as representações, ainda há a presença de uma geografia tradicional nas salas de aula percebida principalmente pelos métodos de avaliação que

² O hiperespaço seria um domínio no qual a experiência local não está mais ligada ao local no qual ela acontece. (JAMESON, 1991 *apud* MCDOWELL, 1996).

ainda contém traços de enciclopedismo baseados em fenômenos e acontecimentos que são dados e cobrados de forma mecânica, ou seja, sem espaço às críticas.

Sabemos que tal quadro é de lenta reversão devido às poucas condições de trabalho tornando dificultoso que o professor utilize materiais que contribuam para o desenvolvimento de práticas cotidianas escolares mais lúdicas. Sendo assim, vale ressaltar que tal atividade pôde ser desenvolvida graças às boas condições da Colégio Estadual Alice de Souza Bruno que dispunha de projetor e computadores, todavia, é importante destacar que mesmo em situação precária de trabalho é de grande valia que os docentes se esforcem para desenvolver em seus alunos uma maneira crítica de pensar a partir dos meios disponíveis na escola.

Anexo I



Capa do livro *Gênese*, de Sebastião Salgado, 2013.

Anexo II



Alunos do Colégio Estadual Alice Bruno (Seropédica, RJ) analisando as fotografias de *Gênese*, de Sebastião Salgado. Acervo da autora.

Anexo III



Sebastião Salgado fotografa Serra Pelada, Pará (PA). *Trabalhadores* (1997).

Referências Bibliográficas:

BARBOSA, J. L. Geografia e cinema: em busca da aproximação do inesperado. In: CARLOS, A. F. A. et al (orgs.). **A geografia na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 8ª ed., (2009 [1999]).

CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, R. L., ROSENDAHL, Z. (orgs.). **Geografia cultural: uma antologia**. Volume I. Rio de Janeiro: EDUERJ (2012 [2004]).

COSGROVE, Denis. **Geography and vision: seeing, imagining and representing the world**. London/New York: I.B. Tauris & Co Ltd, 2008.

DAOU, Ana; FELIPE, G. Renan. De perto e de longe: pistas para uma reflexão sobre imagem e geografia. **Revista Espaço Aberto**, PPGG, UFRJ, v. 1, n. 2, 2011.

FERRAZ, Cláudio et al. Percursos na diferença: um ano e quarenta e cinco pessoas. In: FERRAZ, Cláudio; NUNES, Fabiana. (orgs.) **Imagens, Geografia e Educação: intenções e articulações**. Dourados, MS: Editora UFGD, 2013.

FILIZOLA, Roberto. **Didática da Geografia: proposições e conteúdos entrelaçados com a avaliação**. Curitiba: Base Editorial, 2009.

GOMES, Paulo C. da C; RIBEIRO, Letícia Parente. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. **Espaço e Cultura**, UERJ, RJ, n. 33, 2013.

- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HOLLMAN, Verónica; LOIS, Carla. **Geo-grafías: Imágenes e instrucción visual en la geografía escolar**. Buenos Aires: Paidós, 2015.
- MAUAD, Ana Maria. O olhar engajado: a fotografia contemporânea e as dimensões políticas da cultura visual. **ArtCultura**, v. 10, n. 16, 2008.
- MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D. et al. (orgs.) **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.
- MONTEIRO, C. Rosa; GONÇALVES, Silvia; FRANCO, Alice. A educação brasileira entre a norma e o real: o olhar da psicologia sobre as práticas escolares. In: MARQUES, V.; MELO, R. B. (org.). **Psicologia e educação: conexões e diálogos**. Seropédica, RJ: ed. da UFRRJ, 2013.
- NOVAES, André Reyes. **Fronteiras mapeadas: geografia imaginativa das fronteiras sul-americanas na cartografia da imprensa brasileira**. Tese de doutorado, UFRJ, 2010.
- NOVAES, André Reyes. Geografia e história da arte: apontamentos para uma crítica à iconologia. **Espaço e Cultura**, n. 33, UERJ, Rio de Janeiro, 2013.
- OAKES, S. T.; PRICE L. P. **The Cultural Geography Reader**. Taylor & Francis, 2008.
- OLIVEIRA, Anita; RIBEIRO, Guilherme. Fazer geografia: pensando a formação do geógrafo-educador. In: CARDOSO, C.; OLIVEIRA, L. (orgs.) **Aprendendo a geografia: reflexões teóricas e experiências de ensino na UFRRJ**. Seropédica, Rio de Janeiro: Editora da UFRRJ, 2012.
- PIDNER, F.S.; SILVA, M. A. S. Fotografias de Sebastião Salgado: grafia, poética e produção do espaço geográfico. **Revista Científica Vozes dos Vales**, n. 6, ano II, UFVJM, Minas Gerais, 2014.
- RIBEIRO, Guilherme.; AZEVEDO, Leroy Honorio. O ensino de geografia sob a ótica imperial e os usos que podem e devem ser feitos da instrução visual. Tradução de Halford John Mackinder (1911). **Geographia (UFF)**, 2014.
- ROSE, Gillian. On the need to ask how, exactly, is geography “visual”? **Antipode**, vol. 35 (2), 2003.
- SALGADO, Sebastião. **Trabalhadores**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SALGADO, Sebastião. **Gênesis**. Colônia: Taschen, 2013.
- SOULAGES, François. **Estética da fotografia — perda e permanência**. São Paulo: SENAC, 2010.
- SOUZA, Marcelo Lopes. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.